

MEU PAI

ANDRADE FURTADO

A 12 de julho de 1860, nasceu, na cidade de Quixeramobim, José Furtado de Mendonça Bezerra de Menezes, meu Pai. Foi o primogênito do casal — Vasco Rogério Furtado de Mendonça e Henriqueta Bezerra Furtado de Mendonça.

O cenário em que viu a luz envolveu o seu espírito num halo de amor a Deus, refletido no esplendor da natureza e na exuberância da vida sertaneja.

Órfão, em plena meninice, veio para o Seminário de Fortaleza, onde fez os primeiros estudos humanísticos. Decidido a receber a unção sacerdotal, nasceu-lhe o desejo de ordenar-se em Roma.

Ao ter de continuar o curso de Filosofia, obteve permissão da família para satisfazer o anseio de matricular-se no Colégio Pio Latino Americano, a fim de freqüentar, mais tarde, a Universidade Gregoriana.

Viajou para o Rio de Janeiro, em companhia do dr. Antônio Benício Saraiva Leão, casado com a sua tia Maria Alexandrina Bezerra Saraiva Leão. De lá, seguiria para a Europa, rumo à Metrópole do Mundo Católico.

Sucedeu, porém, o imprevisto. O Ministro Amaro Cavalcânti, grande amigo do dr. Antônio Benício, combateu fortemente o plano da viagem para tão longe, quando, em São



José Furtado de Mendonça Bezerra
de Menezes

Paulo, existia uma casa de formação eclesiástica, onde o moço estudante poderia beber a ciência e a piedade necessárias à realização do seu ideal.

Teve, assim, mudado o rumo do seu destino. Partiu, então, para a Capital Paulistana, ali ingressando no instituto que devia ministrar o ensino em moldes adequados à sua aspiração.

Mas, o Seminário de Piratininga, àquele tempo, era dirigido por padres seculares, sobrecarregados de múltiplas ocupações externas.

Enquanto isso, no Ceará, o velho Seminário da Prainha estava confiado a mestres insígnies, os padres lazaristas franceses, que imprimiam um cunho de alto nível cultural à educação dos moços atraídos para o ministério sagrado.

Não encontrou o jovem cearense melhores condições para a conquista da láurea de representante na terra dos poderes do céu, no exercício do apostolado das almas.

Meses depois, adoeceu, dado o rigor da estação fria, necessitando, a conselho médico, retornar aos ares da Província natal.

Vendo, assim, a impossibilidade de satisfazer o seu anelo, esgotados os meios de que dispunha, deliberou, mais tarde, constituir um lar. Escolheu para espôsa, na gleba do seu berço, Anna Stella de Andrade.

Dêsse consórcio, houve um único rebento, a quem legou, não o conforto dos bens da riqueza, mas os tesouros da fé e os exemplos de fidelidade aos deveres morais.

Meu pai infundiu-me a convicção profunda da sua inquebrantável crença, alto aprêço às investigações do espírito e à integridade do caráter.

Essa orientação serviu-me de couraça à defesa dos sentimentos de honra e deu à minha inteligência a compreensão inestimável da sabedoria e santidade da Igreja.

A sua admiração pelos luminares da Ciência e pelos expoentes da Literatura transmitiu ao meu percebimento a certeza de que nada é mais precioso e mais exato do que a

honestidade de ser humilde, por um culto legítimo à verdade e à justiça.

Viveu constantemente interessado na leitura dos autores prediletos, aprofundando os seus conhecimentos no trato de obras escolhidas. Dedicou-se especialmente ao convívio dos clássicos, versando as línguas latina, francesa, inglesa, italiana e espanhola.

Pugnava pela forma escorreita, com vigilante carinho, e aos que atentavam contra a pureza do idioma chamava “os hereges da língua”.

Cultivou as Musas, deixando poesias esparsas, em que procurava exaltar as idéias e os sentimentos que superiorizam o homem.

No único livro que publicou — “Flôres do Coração” — editado pela “Tipografia Minerva”, de Assis Bezerra, em 1907, encontram-se algumas das suas produções, de que indico breves fragmentos demonstrativos do seu estro, inspirado nas elevações do pensamento e no aprêço espontâneo às cousas vistas pelo lado bom.

“Prólogo” é a primeira poesia do livro. Nela justifica a razão do título singelo. Veja-se a simplicidade desta estrofe:

Do coração em flor as flôres são
Harpejos que desprende esta harpa eólia,
Que vibra sons, se sopra a inspiração,
— Divinos! se dos céus o orvalho a molha.

E, logo acrescenta:

Ai! não rias de mim porque sou crente,
Ai! não rias de mim! detém-te, espera!
— É o ceticismo que apavora a mente,
Vê que a descrença o desespero gera.

Termina com a exortação edificante, que serve de chave ao poema inicial:

Nas tábuas santas do teu crânio inscreve
As idéias — Deus, tempo, eternidade!
Voa o tempo e não volta, os sec'los rolam
E eterna permanece a Divindade.

“Brinde a Deus” é uma composição de vinte e seis estrofes, cheias de entusiasmo e calor vibrante pela obra da Criação, saída das mãos do Altíssimo. Reproduzo, apenas, os primeiros versos da introdução:

Eu vou brindar em verso o Ser Supremo:
E qual o cisne no cantar extremo
Se aprimora no canto,
Quero um hino tecer, robusto, ingente,
De amor e afeto palpitante e quente
E primoroso e santo.

Há um Deus que nos ama imensamente,
Eterno, grande, bom, onipotente
E sábio e criador,
Rutilante de luz e de verdade,
De vida, perfeições e majestade,
Soberano e Senhor.

Criou um sol tão belo e esplendoroso,
Que espadana fulgor, e tão formoso
Um céu que é um primor,
Recamado de estrêlas cintilantes,
Tinto de azul, com nuvens rorejantes,
E cheio de esplendor.

Fêz a lua argentando a noite escura,
Deu-lhe brilho, candor e formosura
E a suspendeu nos céus,
— Lâmpada aérea que tremula imensa,
Espancando da noite a treva densa
E rasgando-lhe os véus.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Descreve, a seguir, as belezas magníficas do Universo, as montanhas, o mar, as florestas, os rios, as cascatas, as fontes, tudo arrancado do nada pela perfeição onisciente, para concluir, numa oblação gratulatória:

A êsse Deus é que brindo e com calor,
O coração a transbordar de amor,
O crânio incandescente!
A êsse Deus que o Universo em pêso incensa,
A êsse Deus bom, de majestade imensa,
Saúdo reverente!

Saudou Dom Joaquim José Vieira, em sua visita Pastoral a Quixeramobim, nestes versos jubilosos:

Jesus, o Cristo, o Deus, o Verbo Eterno,
O belo Nazareno, meigo e terno,
Teândrico orador,
Emocionava as turbas da Judéia,
Nos crânios implantando viva a idéia
Da paz, do bem, do amor...

O mancebo dulciloquo, atraente,
Derramava nas almas a semente
De uma vida imortal.
Fazia o bem, passava... e nos seus rastros
Mais luz deixava que não têm os astros
E calor mais vital!

Um dia o Galileu ardente, ousado,
Revolucionário, trovejou um brado,
Um raio de terror:
"Eu vim trazer, dizia, o fogo ao mundo,
E ver o incêndio se atear profundo
Desejo, e com ardor!"

Assim tu, ó Joaquim, qual outro Cristo,
Outra coisa não queres, que não isto:
O fogo, o incêndio, o horror!
O fogo se ateando, rubro, ingente,
O horror das trevas ante a luz fulgente,
E o incêndio do amor!

“O Cristo e o Progresso”, “Heroísmo no Sacrifício”, “Tu es Petrus”, “A Cruz”, “Deus meus et omnia”, “Pertransiit Benefaciendo”, “Como abrir o Céu”, “O Poeta Filósofo”, “Paráfrase do Padre Nosso”, “A Douda de Albano”, “O Tempo e a Eternidade” e muitas outras produções suas expressam o mesmo vigor na apreciação das maravilhas da Terra.

As poesias líricas revelam a influência de Castro Alves, Fagundes Varela e Gonçalves Dias, os três poetas máximos a quem devotava acendrada admiração.

Considerava o “Evangelho nas Selvas” superior ao “Paraíso Perdido”, de Milton, e o autor das “Espumas Flutuantes” um gênio maior do que Victor Hugo. Do cantor dos “Timbiras” afirmava que, se tivesse escrito unicamente “Y Juca Pirama”, seria do mesmo modo um nome imperecível do Parnaso Brasileiro.

“Treze Anos”, numa página de álbum, denota a singeleza com que manejava a lira, em estilo romântico. Deixo, aqui, passagens dessa saudação natalícia:

Treze anos! Flórea idade!
Tudo respira poesia
E doce, terna magia
Invade o coração da jovem moça
Da celestial beldade.
A brisa soluça amôres,
Da alma desabrocham flôres
Que a fantasia em chamas alvoroça.

Treze anos! A esperança
Borbulha no coração,

As crenças no embrião
Germinam mais virentes e viçosas.
Nem já a mente se cansa
De brilhante fantasia,
É tudo amor e poesia,
Da vida a senda cobre-se de rosas.

E a moça caminha altiva,
Do futuro descuidosa
No vergel, qual linda rosa,
Que a corola aromática ergue aos céus.
Sôbre a terra — casta diva,
Ah! possa correr-lhe a vida
Alegre, doce, florida —
Arcanjo puro a quem proteja Deus!

“Ave Maria”, — cântico de glória à Virgem Mãe Santíssima, externa um preito de confiança e doce afeto Aquela que é a Medianeira dos favores do Céu.

Deus Vos salve, ó Maria! Revestida
Vos achais da divina graça e brilho!
Entre as mulheres tôdas preferida,
E bendito do vosso ventre o Filho!

Ó Mãe de Deus e Imaculada Virgem,
Orai por nós, imersos, abismados
Das vaidades do mundo na vertigem,
Nós pecadores vis, nós desgraçados!

Rogai por nós, agora,
e do morrer na hora!

Para finalizar a recolta de alguns excertos do livro, transcrevo “Desilusão e Amor”, poesia composta no ritmo cantante, em moda na época:

Risonhos sonhos de amorosos gozos
Na mente ardente acalentei, meu Deus...
Divina sina a fantasia via,
Da cisma ao prisma, para os dias meus.

Mas hoje fuge a fantasia fria,
Imensa a crença no futuro meu...
Do peito afeito a desalentos lentos,
Aí vibra a fibra, o sofrimento meu.

E o mundo imundo, tão falaz, mordaz,
Na cara, amara, me cuspiu a dor...
E o seio cheio de desdita, dita
Com prantos cantos que só têm amor.

Jesus na Cruz o coração roubou-me,
Nalma gravou-me do seu amor o sêlo...
Do seio cheio dessas chamas flamas,
Chispas derrama, caridade e zêlo.

Estas despreziosas referências à atividade literária de meu Pai representam viva e sentida homenagem de gratidão e saudade à memória de quem tudo fez por mim, plasmando-me o caráter na escola do temor de Deus e da exaltação do Bem.

A ciência, a arte, a filosofia e as letras emanam da Luz Infinita em que meu Pai saciou as energias da Inteligência. Foi servo fiel da Igreja, um prosélito sincero dos arraiais da verdade, da virtude e da beleza cristãs.

O centenário de seu nascimento fala-me do passado inescutível no recesso da consciência. Sinto a obrigação de reviver, no meu coração, o perfil daquele que, pelo poder de Deus, me transmitiu a vida e a quem sou eternamente grato por todo êste imenso bem que lhe devo.